
JOVENS DE TERREIROS E OS SABERES

DA MATA NAS RODAS DE CONVERSAS:

OS SENTIDOS QUE AS JOVENS

ATRIBUEM ÀS ERVAS*

CLÁUDIA MARIA DE JESUS CASTRO**
CLÁUDIA VALENTE
CAVALCANTE***

Resumo: este artigo objetiva apresentar uma discussão acerca da relação existente entre as práticas ritualísticas de cura com a natureza e os valores que os jovens de terreiros expressam ao lidarem com os ensinamentos de sua religião. A investigação parte do entendimento de que a juventude não é apenas uma categoria parametrizada por uma faixa etária, mas um grupo social que estabelece diferentes relações entre o mundo objetivo e subjetivo e que a religião é um dos espaços importantes para a compreensão da condição juvenil e o respeito que os jovens têm pela natureza ao utilizarem esta paisagem natural como local de culto e também de práticas rituais. Assim, a pesquisa prima por uma investigação para o conhecimento do valor atribuído às folhas sagradas empregadas no contexto desta religião, bem como sua importância nos rituais.

Palavras-chave: *Jovens. Rituais. Folhas sagradas. Cultos africanos.*

Professora doutora do Programa de Pós-graduação em Educação e do curso de Pedagogia da PUC Goiás. E-mail: cavalcante70@yahoo.com.br.

Este artigo decorre de estudos realizados para a composição da dissertação de mestrado, a qual se encontra em andamento, e vinculada à linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade do Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Goiás e ao Grupo de Pesquisa Juventude e Educação, cadastrado do diretório do CNPQ. Tem como objetivo geral investigar quem são os jovens de religiões afrodescendentes e os sentidos que atribuem à religião e à escola. Esta comunicação objetiva apresentar uma discussão acerca da relação existente entre as práticas ritualísticas de cura com a natureza e os valores que os jovens de terreiros expressam ao lidarem com os ensinamentos de sua religião.

O artigo intitulado *Jovens de terreiros e os saberes da mata nas rodas de conversas: um estudo bibliográfico* está dividido em três subtítulos.

* Recebido em: 07.06.2016. Aprovado em: 21.06.2016.

** Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da PUC Goiás. E-mail: claudia-mjc@hotmail.com.

*** Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Educação e do curso de Pedagogia da PUC Goiás. Email: cavalcante70@yahoo.com.br.

O primeiro, *Candomblé e umbanda: uma breve discussão*, trata de uma breve incursão sobre o candomblé e a umbanda sob a perspectiva de Prandi (2004).

O segundo, denominado *Sem folhas não há Orixás*, visa oferecer uma discussão sobre a importância das folhas sagradas e sua empregabilidade dentro da mística das comunidades tradicionais de terreiros na sustentação da religião dos orixás. Também discute que a cosmovisão da ancestralidade prima pela preservação da natureza.

Já o terceiro, *Os jovens e os valores atribuídos às ervas*, traz um breve apanhado histórico sobre a construção social da juventude e uma discussão acerca dos significados e sentidos que os jovens de terreiros atribuem à sua religião e os saberes que aprendem nas rodas de conversas, nos espaços chamados terreiros. E finaliza-se com algumas considerações finais acerca da problemática.

CANDOMBLÉ E UMBANDA: UMA BREVE DISCUSSÃO

O Candomblé, religião brasileira dos orixás e outras divindades africanas, constituiu-se na Bahia no século XIX e tornou-se resistência cultural, por parte dos africanos e em seguida pelos afrodescendentes em razão do processo de escravidão e aos mecanismos de dominação da população branca e cristã no século XX. Neste mesmo século, a diversificação do mercado religioso, abriu espaço para novas religiões, dentre elas a umbanda, no Rio de Janeiro, que é uma síntese dos antigos candomblés banto e de caboclo com o espiritismo kardecista, vindo da França no final do século XIX (PRANDI, 2004).

A umbanda ganha espaço tanto no Brasil como no Cone Sul, pois foi considerada a religião brasileira, pois “juntou o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra, e símbolos, espíritos e rituais de referência indígena, inspirando-se, assim, nas três fontes básicas do Brasil mestiço” (PRANDI, 2004, p. 224).

Na década de 1960, o candomblé ressurgiu na disputa do campo com a umbanda, espalhando-se por todo o Brasil, transformando-se e adaptando-se a novos contextos sociais. Prandi (2004) sintetiza dizendo que o processo de mudanças que influenciou na constituição das religiões dos deuses africanos no Brasil

misturou-se ao culto dos santos católicos para ser brasileiro, forjando-se o sincretismo; depois apagou elementos negros para ser universal e se inserir na sociedade geral, gestando-se a umbanda; finalmente, retomou origens negras para transformar também o candomblé em religião para todos, iniciando um processo de africanização e dessincretização para alcançar sua autonomia em relação ao catolicismo. Nos tempos atuais, as mudanças pelas quais passam essas religiões são devidas, entre outros motivos, à necessidade da religião se expandir e se enfrentar de modo competitivo com as demais religiões. A maior parte dos atuais seguidores das religiões afro-brasileiras nasceu católica e adotou a religião que professa hoje em idade adulta. Não é diferente para evangélicos e membros de outros credos (PRANDI, 2004, p.224).

Tanto o Candomblé quanto a umbanda caracterizam-se por organizarem em pequenos grupos em torno de uma mãe ou pai de santo, que tende a desaparecerem quando há o falecimento da mãe ou do pai de santo. Esses grupos são autônomos e autossuficientes e os terreiros competem entre si, tornando seus laços frágeis e circunstanciais. Ademais, enfren-

tam preconceito racial e correm riscos de serem extintos pela perda de adeptos para outras religiões que estão ganhando o campo. Prandi (2004) adverte que o Brasil está se tornando menos afro-brasileiro em termos religiosos e que os terreiros tanto de candomblé quanto de umbanda podem se extinguir. Nesse sentido, a diversidade e o pluralismo religioso estariam em perigo devido a esse processo de extinção.

No entanto, por conta da diversidade cultural dentro do próprio terreiro, é que esse artigo se insere e tenta-se compreender os rituais, especialmente aqueles ligados à natureza, e os significados das folhas nas tradições das religiões de matrizes afro-brasileiras por jovens que são adeptos à essas religiões. Mas o que são esses rituais e seus significados? É o que se pretende discutir no subtítulo a seguir.

SEM FOLHAS NÃO HÁ ORIXÁS

A frase do título que dá nome a este tópico reverencia a importância do meio ambiente nas religiões tradicionais de terreiros e uma relação integradora de homem-natureza. Oliveira (2015) diz que a sintonia com a Mãe-Natureza faz parte da tradição africana, pois a natureza é sagrada e divinizada pelos africanos e seus descendentes.

No que tange à empregabilidade das plantas ou ervas sagradas, as casas do povo-de-santo e os terreiros fazem constantemente utilização das folhas nas mais diversas situações ritualísticas. Camargo (1988, p.1) sinaliza que “é reconhecida a importância dos vegetais nos rituais afro-brasileiros”.

Todo rito de passagem da mística do candomblé inicia-se com as folhas que são consideradas sagradas, porque fazem parte do fundamento religioso, por, a exemplo, após o Padê de Exu e a defumação, também confeccionado com folhas secas, segundo o ritual, jogam-se folhas em todo o terreiro. Nota-se o quanto é relevante à utilização de plantas no interior desses espaços sagrados o que demonstra os candomblecistas. No entendimento de Oliveira e Oliveira (2007, p.81):

A sacralização da natureza é um aspecto fundante do candomblé. As plantas como outros fenômenos e objetos da natureza, são consideradas sagradas e possuem um papel fundamental na estrutura litúrgica do culto: desde os banhos de ervas nos rituais de iniciação, o batismo dos tambores, a lavagem de contas, a oferenda de alimentos, até os banhos de purificação e os remédios vegetais prescritos pelos sacerdotes.

Percebe-se que os terreiros constituem em espaços de socialização, de aprendizagem e de saberes, onde as crianças e os jovens são preparados para integrarem na comunidade e respeitar os mais velhos. Nesses espaços, os saberes são transmitidos oralmente, por sua vez, a expressão oral e a relação presencial, agregam a dinâmica do processo ensino-aprendizagem. Segundo Caputo (2012, p. 257):

Os terreiros como espaços de circulação de conhecimentos, de saberes, de aprendizagens. No cotidiano das casas de Òrisá e nas casas de Égún, se aprende e se ensina com as ervas, as comidas, a confecção das contas, as músicas, as oferendas votivas, as cores, os cheiros, as danças, os panos, as artes, as roupas, os artefatos, a vida, a morte. Tudo aprende e tudo ensina.

Contudo, “conhecer” as folhas constitui em um dos pilares fundamentais nos sistemas religiosos afro-brasileiros. Para Camargo (1988), inúmeros são os rituais em que as plantas e ervas estão presentes, dentre eles: de confirmação, de cura, dos alimentos aos orixás, de iniciação à religião, de benzimentos, de purificação, entre outros. Sendo assim, destaca-se a importância delas na preparação de amacis, banhos, bebidas, rituais, remédios, defumadores, abôs, rituais etc. Assim, o segredo das folhas também é transmitido de geração a geração, trilhando os mesmos princípios realizados nos terreiros, porém, antes de qualquer cerimônia ou festa de obrigação, o ritual inicial começa já na colheita das folhas sagradas e no cuidado especial que se tem com elas. Cuidado esse, que os praticantes e, em especial, os jovens de terreiros aprendem nas rodas de conversas, segundo a tradição, exige que as plantas devam ser recolhidas, preferencialmente, pela manhã, quando ainda estão frescas e não próximas a estradas.

Na religião de influência africana, os mais velhos são reconhecidos como pessoas produtivas, valorizadas e respeitadas pelas crianças, jovens e adolescentes na comunidade pelo papel que desempenham como “bibliotecas vivas”. Diante disso, elas (re)passam conhecimentos dos ancestrais a seus filhos-de-santo, aos jovens sedentos de saberes e os demais relacionados à tradição, que as folhas mágicas pertencem aos orixás e Exú têm suas próprias folhas, dentre elas, cansação, urtiga que são usadas para assentamento. Também ouvem das bocas sábias, “arquivos de história e sabedoria”, que a divindade das folhas é Ossaim. Bastide (*apud* CAMARGO, 1988, p. 2) afirma: “O orixá das folhas é Ossaim. Esse Orixá, segundo Bastide, não encarna em seu sacerdote. Babalossaim ou Olasain é aquele que se encarrega da colheita das ervas”. Nas palavras de Sousa Junior (2004, p. 126):

Oralidade não é algo que se opõe aos livros, mas que diz respeito a pessoas concretas, figuras que são capazes de representar mais do que qualquer compêndio e reunir explicações que não cabem nas bibliotecas tradicionais, pois são memórias vivas, não de particulares, mas de grupos.

Observa-se também nesta religião, a relação de respeito entre aquele que vai colher as folhas sagradas e a divindade presente nelas, no caso, pedir licença, simboliza a afirmação de que o homem não é dono da natureza. Sendo esta questão ressaltada em uma frase: “É da natureza que emana a força”. Sendo assim, as energias presentes nas folhas são forças vivas que agem e interagem no contexto.

Partindo desta perspectiva, Oliveira (2015) adverte que a literatura diz respeito não somente ao que se fala ao que se ensina, mas também ao que se diz e ao que não se revela. Assim, nem tudo o que acontece no candomblé pode ser contado, para aqueles que se aproximam e até aos próprios membros da religião, muito menos aos pesquisadores. Usando o conto *Caroço de dendê*, para explicar o ato de guardar segredos, fragmento de uma das lindas histórias contadas por Mãe Beata de Yemonjá nas rodas de conversas.

[...] No mundo do Iorubá, guardar segredos é o maior dom que Olorum pode dar a um ser humano. É por isso que todo caroço de dendê que tem quatro furinhos é o que tem todo o poder. Através de cada furo, ele vê os quatro cantos do mundo para ver como vão as coisas e comunicar a Olorum [...] (YEMONJÁ, 2002, p.97).

Desse modo, parece claro que a comunidade em investigação tem uma preocupação com a Mãe-Natureza, em que preservar é o objetivo imprescindível, sobretudo para a

sustentabilidade da religião dos orixás. Logo, as conversas informais nas rodas de conversas e da preparação do barracão ou do terreiro para as cerimônias, entre outras, são momentos preciosos para o repasse (pautada na oralidade que circunda essa cultura) dos saberes às futuras gerações, em particular, aos jovens de terreiros. Com isso, a religião é um dos espaços importantes para a compreensão da condição juvenil e o respeito que os jovens têm pelos recursos naturais ao utilizarem esta paisagem sacralizada como local de culto e também de práticas rituais.

OS JOVENS E OS VALORES ATRIBUÍDOS ÀS ERVAS

A juventude tal qual a conhecemos atualmente é um produto sócio-histórico-cultural que se transforma conforme as condições da realidade objetiva de um determinado tempo. Por décadas, essa categoria foi ignorada no campo acadêmico, mas foi a partir dos anos de 1990, que o tema juventude ganha grandes dimensões, projeções e interesses “nos discursos e nas pautas políticas” como aponta Abramo (2011, p.38). Consideram-se jovens, segundo o Organismo das Nações Unidas (ONU) pessoas entre 15 e 24 anos, enquanto para as políticas públicas, o critério amplia-se, de 15 a 29 anos. No entanto, nos estudos sobre os jovens, o critério de idade não é suficiente para entender como os jovens produzem suas juventudes.

Segundo Cavalcante (2014a, p. 46), citando Bourdieu (1983), “somos sempre jovens ou velhos em relação a alguém, portanto, um conceito difícil de ser delimitado”. Por isso, a palavra juventude é controversa, portanto apenas uma palavra, pois os estudos que buscam compreender os jovens perpassam as condições de classe, gênero, religião, raça, entre outras variáveis que constituem os modos de ser jovem.

Por um lado, apesar das produções acadêmicas nas últimas décadas terem avançado em relação aos jovens, ao constituírem os seus objetos, as pesquisas ainda não conseguem apreender a totalidade desses sujeitos. Por outro lado, representações acerca da juventude interferem no modo de compreensão dos jovens na contemporaneidade. Uma dessas representações é como a juventude é vista na condição de transitoriedade, um “vir a ser”, uma passagem para a vida adulta. Considera-se que esta perspectiva seja negativa, pois ainda o jovem não chegou a ser, e atribui-se mais sentido ao futuro que o presente vivido pelos jovens (DAYRELL, 2003).

Ainda o mesmo autor, aponta outra representação que permanece na memória coletiva que é a visão romântica da juventude dos anos de 1960. Nesta perspectiva, a juventude vincula-se a

um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exótico. A essa ideia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e o erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil (DAYRELL, 2003, p. 41).

Mais recentemente, a redução do jovem ao campo da cultura em que sua condição juvenil desse tão somente em atividades culturais. Ademais, aliam-se às essas representações, a juventude como um momento de crise, uma fase que apresenta dificuldades, conflitos em que há uma tendência de afastamento da família (DAYRELL, 2003) e tempo de inserção outros grupos para além das agências socializadoras primárias.

A superação dessas representações do ponto de vista da investigação, segundo Bourdieu (2012) é ter um olhar compreensivo. Elaborar um novo olhar acerca dos jovens requer uma ruptura na maneira de pensar, sobre os conceitos e os métodos pré-construídos (BOURDIEU, 2001) por meio de uma dúvida radical. Investigar os jovens pressupõe uma revolução naquilo que constitui a ordem social. É preciso romper com as pré-noções sobre o objeto a ser investigado (CAVALCANTE, 2014b).

A partir desses referenciais teóricos e metodológicos é que essa pesquisa orienta-se na compreensão dessa categoria como um grupo heterogêneo que apesar de estarem em uma mesma faixa etária (unidade na heterogeneidade), os jovens vivem diferentes juventudes (heterogeneidade na unidade), segundo Pais (1990).. Isto é, mesmo sendo jovens, eles apresentam marcas do seu grupo social que os distinguem e os diferenciam dentro do seu próprio grupo, pois é na relação entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo que constituem os modos de ser jovens. Atualmente, fala-se em juventudes e não no singular, juventude, pois há uma heterogeneidade nesse grupo etário (ABRAMO, 2011).

Para Novaes (2011), as mudanças ocorridas no perfil da juventude nos últimos anos aconteceram também em virtude dos novos espaços de sociabilidade privilegiados pelos jovens de participação na sociedade, conseqüentemente, seu engajamento foi mudando conforme a ampliação desses espaços. Dentre os quais, os jovens inserem-se em diferentes agrupamentos religiosos. Novaes (2011, p. 263), diz que “a religião pode ser vista como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira”.

Nos últimos anos, conforme Oliveira (2010, p. 11), percebem-se mudanças na relação entre os jovens e a religião, pois estes estão

valorizando mais a sua fé do que a religião materializada na instituição [...] Nessa geração nada pode ser visto como muito estável, pois o que mais a caracteriza é a disponibilidade para a experimentação, o que ocorre também no campo religioso. São os jovens os que mais transitam entre vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais.

Por serem ávidos, os jovens se lançam por novas experiências que constituem seus modos de ser jovem, perpassando também a religião como um dos modos que se constituem.

Para compreender o que os jovens pensam sobre os valores atribuídos à religião e às ervas, foi realizada uma entrevista com duas jovens: A jovem 1 e a jovem 2, umbandistas, que utilizam algumas ervas medicinais tanto nos rituais quanto para curas. A busca por esta religião tem como um ponto em comum entre as duas jovens, o interesse pelas ervas. Ambas relatam que em busca de conhecimentos sobre a utilização das ervas as levaram à umbanda.

A Jovem 1 tem 24 anos, formada em jornalismo, trabalha com marketing, praticante da religião há um ano, é parda e mora com seus familiares. Para a jovem, os conhecimentos adquiridos por meio das ervas a têm possibilitado ampliar seu escopo de trabalho, pois pretende ser terapeuta utilizando as ervas.

Trabalho aqui na casa como terapeuta holística, né, então, depois de conhecer, né, essas medicinas, conhecer as filosofias xamânicas comecei a trabalhar, fiz curso de reike, de massagem e de várias coisas e também trabalho com isso aqui na casa, num é, que é uma coisa que eu gosto demais de fazer mas ainda me dá menos renda (JOVEM 1).

A Jovem 1 considera importante conhecer as plantas sagradas e sua utilização nos diferentes rituais. Apesar de ser novata no terreiro, ela demonstra sabedoria sobre o assunto. Usando uma folha de arruda atrás da orelha, perguntei o valor simbólico dela: “*Tem ervas, né. E todas elas a gente pode usar pra chá ou pra banho, e ela tem essa função mesmo de descarregar, de limpar a energia. Então, todas as plantas têm uma função, né*” (sic).

Para a Jovem 1, as ervas e os recursos naturais representam o sagrado. “É muito importante, né, qualquer contato com a natureza já é curador em si, né, quando a gente vai numa cachoeira a gente se sente melhor, se sente revitalizado, mas a própria planta de poder, ela traz toda a selva nela mesma, estão mesmo se a gente utilizar ela aqui nessa sala”.

A Jovem 2 tem 22 anos, estudante do curso de Direito, é parda e mora também com seus pais. Antes de frequentar o terreiro, ela era kardecista e tinha preconceito como relata: “eu fui conhecer um pouco do que é, espiritualidade depois do kardecismo, né, um pouco da umbanda, eu tinha muito preconceito, sabe, tudo de uma vez, sabe”.

Nesses cursos de formação em ervas, a Jovem 2 aprendeu que as folhas da mangueira e do abacateiro são utilizadas para limpeza. Como em sua casa tem ambos os pés, ela começou a tomar banho com as duas folhas, mas que, ao final, gostou mais da mangueira, pois, sentia que dava mais energia:

eu fiquei uns dois meses todos os dias fazendo banho de mangueira, gostava mais da mangueira. Eu fiz esse banho e foi mudando, minha tarde eu tinha mais energia, é, meus pensamento também eram mais positivos, na hora de dormir, eu dormia muito leve (JOVEM 2).

Para esta jovem, outro fator importante é a importância de estar sintonizada e íntima com a Mãe-natureza. “Tem uma coisa que é muito especial, que é abraçar as árvores. Olhar as pequenas coisas, as coisas simples e é bom mesmo. O preto velho manda a gente abraçar as árvores o tempo todo” (sic).

Relata também que tem usado algumas ervas para tratamento de alergia, apesar de reconhecer que o tempo de cura é mais prolongado que em tratamentos convencionais:

Eu tô (sic) fazendo esse tratamento com arruda, gente, é uma reação totalmente diferente do meu organismo. Faz arder, sabe, e eu vejo que tá curando quando isso acontece, nossa eu quase morro por passar a babosa aqui, mas é o que tá fazendo curar de verdade.

Percebe-se que as jovens atribuem um sentido sagrado aos valores simbólicos com a religião, a qual representa força vital que vem das substâncias extraídas da natureza. Ambas as jovens também atribuem um sentido prático às ervas, pois a Jovem 1 é um conhecimento que pode gerar oportunidades de trabalho enquanto para a Jovem 2 é um modo de cura para alguns problemas de saúde que tem. No entanto, o que se tem em comum é que ambas buscavam conhecimento sobre as ervas e acabaram por inserirem-se no terreiro, lugar não somente para exercer a espiritualidade, mas um campo de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou compreender como os rituais com as ervas constituem a religião de matriz afro-brasileira e como os/as jovens atribuem sentidos às ervas, à sua utilização e suas funções.

Os estudos sobre a juventude buscam compreender os jovens para além do corte etário, mas entendê-los como sujeitos sociais, que se constituem em determinados espaços sociais e que a condição de classe, gênero, escolarização, raça são fundamentais na compreensão da pluralidade juvenil.

Na contemporaneidade, com a ampliação das redes de sociabilidades, os jovens têm podido experimentar diferentes grupos culturais, esportivos e religiosos por meio das culturas espontâneas, o que até então, a família e a escola eram os referenciais mais importantes no processo de socialização dos indivíduos.

Nestas sociabilidades, a religião aparece como um fator importante nos modos de ser jovem, ainda que pouco explorado nas discussões acadêmicas.

O tema juventude e religião, principalmente o candomblé e/ou umbanda, constitui-se importante, pois ainda há muito preconceito em relação à essas religiões, aos seus rituais, aos seus conhecimentos e em relação aos seus praticantes. Frequentemente, houve-se nas mídias ataques aos que abertamente se declaram adeptos a estas religiões. Portanto, conhecer o que os jovens pensam sobre o candomblé e a umbanda é importante no sentido de contribuir para a compreensão da diversidade religiosa como um patrimônio imaterial da cultura brasileira.

A partir dos relatos dessas jovens, ainda que breves, foi possível perceber o que as jovens aprendem nas rodas de conversas com as “bibliotecas vivas,” a reverenciar a Mãe-Natureza, e os saberes que vêm da mata em suas práticas ritualísticas de cura e uma relação íntima de devoção com os elementos sagrados da natureza. Assim, as folhas sagradas, as plantas e os vegetais são importantes na cultuação dos orixás e na preservação dos recursos naturais, bem como um conhecimento que atribuem sentido positivo na aquisição de novos saberes de uso cotidiano.

YOUNG AND THE KILLING OF KNOWLEDGE IN CONVERSATIONS WHEELS: THE SENSE THAT ATTRIBUTE YOUNG TO HERBS

Abstract: this communication aims to present a discussion about the relationship between the ritualistic healing practices with nature and the values that the terraces of young express in dealing with the teachings of their religion. The investigation of the understanding that youth is not only a category parameterized by age group, but a social group that establishes different relations between the objective world and subjective and that religion is one of the important areas for understanding the juvenile condition and I respect that young people have by nature to use this natural landscape as a place of worship and also in ritual practices. Thus, research material for an investigation into the knowledge of the value assigned to the sacred leaves used in the context of religion, as well as its importance in the rituals.

Keywords: Youth. Rituals. holy leaves. African cults.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel e Branco, Paulo Martoni (Orgs). *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa social*. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2011.

- BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- _____, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. *Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I*. São Paulo: ALMED, 1988.
- CAPUTO, Stela Guedes. *Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2012.
- CAVALCANTE, Cláudia Valente. Juventudes: reflexões sociológicas sobre o conceito juventude. In: _____. *Caderno de artigos: infâncias, adolescências, juventudes e famílias : desafios contemporâneos*. Goiânia : Gráfica e Editora América, 2014a. p. 46-55.
- _____, Cláudia Valente. *Educação superior, política de cotas e jovens: das estratégias de acesso às perspectivas de futuro*. 2014. 211p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014b.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. n. 24, set./dez. 2003.
- NOVAES, Regina. *Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?* Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2011.
- OLIVEIRA, Irene Dias de. *Qual a cor da sua pele?: povo negro construindo identidades na diáspora*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- OLIVEIRA, M.F.S. de; OLIVEIRA, O.J.R. de. *Na trilha do caboclo: cultura, saúde e natureza*. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2007.
- OLIVEIRA, Wellington Cardoso de. Juventude e religião no século XXI: a crise dos compromissos religiosos. *Vox Faifae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama*. vol. 2 n. 1, 2010.
- PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos, *Análise Social*, v. XXV, n. 105-106, p. 139-165, 1990.
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, 2004.
- SOUSA JÚNIOR, Vilson Caetano. *Nossas raízes africanas*. São Paulo, Atabaque, 2004.
- SOUZA, Janice. *Reinvenções da utopia: a militância política de jovens dos anos 90*. São Paulo: Ed. Hacker, 1999.
- YEMONJA, Mãe Beata. *Caroço de dendê – a sabedoria dos terreiros – como Ìyálórìsà e Babalórìsà passam conhecimentos a seus filhos*. Rio de Janeiro, 1997.